

SECRETARIA DE ESTADO

Do Vaticano, 19 de julho de 2017

Excelência Reverendíssima

em nome do Santo Papa Francisco e em meu nome pessoal, dirijo-lhe, bem como aos organizadores e aos participantes da XXXVIII edição do *Meeting pela amizade entre os povos* uma cordial saudação.

Os títulos do *Meeting* convidam-nos todos os anos a refletir sobre aspetos da existência que o ritmo premente do dia-a-dia muitas vezes nos fazem colocar entre parêntesis. Tudo parece cair-nos em cima, tomados como estamos pela ânsia de virar rapidamente cada página. A vida fragmenta-se e corre o risco de tornar-se árida. Por isso é precioso determo-nos de vez em quando para considerar as grandes interrogações que definem o nosso ser humanos e que é completamente impossível ignorar.

É neste sentido que podemos também ler o tema do *Meeting* de 2017: «O que herdaste de teus pais, reconquista-o, para possuí-lo» (Goethe, *Fausto*). É um convite para nos reapropriarmos das nossas origens a partir de uma história pessoal. Durante demasiado tempo, pensou-se que a herança dos nossos pais ficaria connosco como um tesouro que bastava cuidar para manter acesa a chama. Não foi assim: aquele fogo que ardia no peito daqueles que nos precederam foi aos poucos enfraquecendo.

Um dos limites das sociedades atuais é terem pouca memória, eliminarem como um fardo inútil e pesado aquilo que nos precedeu. Mas isto tem consequências graves. Pensemos na educação: como podemos esperar fazer crescer as novas gerações sem memória? E como pensar em edificar o futuro sem tomar posição em relação à história que gerou o nosso presente? Enquanto cristãos, não cultivamos nenhum retrocesso nostálgico a um passado que já não existe. Olhamos antes em frente, com confiança. Não temos espaços para defender porque o amor de Cristo não conhece fronteiras intransponíveis. Vivemos num tempo favorável para uma Igreja em saída, mas uma Igreja rica de memória, completamente impelida pelo sopro do Espírito para ir ao encontro do homem que busca uma razão para viver. São inumeráveis os traços da presença de Deus ao longo da história do mundo; tudo, com efeito, a começar pela criação, nos fala d'Ele. O Deus real e vivo quis partilhar a nossa história: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós» (Jo 1,14). Deus não é uma recordação, mas uma presença, para acolher sempre de novo, como o amado acolhe a pessoa que ama.

Há uma doença que pode atingir os batizados e a que o Santo Padre chama “alzheimer espiritual”: consiste em esquecer a história da nossa relação pessoal com Deus, aquele primeiro Amor que nos conquistou até nos fazer seus. Se ficamos “desmemoriados” do nosso encontro com o Senhor, já não estamos seguros de nada; então assalta-nos o medo que bloqueia cada movimento nosso. Se abandonamos o porto seguro da nossa ligação com o Pai, tornamo-nos presa dos caprichos e das vontades do momento, escravos dos “falsos infinitos”, que prometem a lua, mas nos deixam desiludidos e tristes, na busca espasmódica de alguma coisa que encha o vazio do coração. Como evitar este “alzheimer espiritual”? Só há um caminho: atualizar os inícios, o “primeiro Amor”, que não é um discurso ou um pensamento abstrato, mas uma Pessoa. A memória grata deste início assegura o ímpeto necessário para enfrentar os desafios sempre novos que exigem respostas também elas novas, permanecendo sempre abertos às surpresas do Espírito que sopra onde quer.

Como é que chega até nós a grande tradição da fé? Como é que o amor de Jesus nos alcança hoje? Através da vida da Igreja, através duma multidão de testemunhos que há dois mil anos renovam o anúncio do Deus-connosco e nos permitem reviver a experiência desde o início, como foi para os primeiros que O encontraram. Também para nós «a Galileia é o lugar da primeira chamada, onde tudo começara!» e por isso é preciso «retornar lá, àquele ponto incandescente onde a Graça de Deus me tocou no início do caminho. [...] quando Jesus passou pela minha estrada, olhou-me com misericórdia, pediu-me para O seguir; [...] recuperar a lembrança daquele momento em que os olhos d'Ele se cruzaram com os meus» (FRANCISCO, *Homilia na Vigília Pascal*, 19 de abril de 2014).

Aquele olhar precede-nos sempre, como nos recorda Santo Agostinho falando de Zaqueu: «Foi olhado e então viu» (*Discurso 174*, 4.4). Não devemos nunca esquecer este início.

Eis aquilo que herdámos, o tesouro precioso que devemos redescobrir todos os dias, se queremos que seja nosso. Dom Giussani deixou uma imagem eficaz deste empenho que não podemos abandonar: «Por natureza, quem ama a criança mete dentro do seu saco, às suas costas, o que de melhor viveu na vida [...]. Mas, até certo ponto, a natureza dá à criança, a quem era criança, o instinto de pegar no saco e pô-lo diante dos olhos. [...] Aquilo que lhe disseram deve, portanto, transformar-se em *problema*! Se não se tornar um problema, nunca irá amadurecer [...]. Uma vez o saco diante dos olhos, [...] compara o que vê dentro, isto é, o que a tradição lhe pôs às costas, com os desejos do seu coração: [...] exigência de verdade, de beleza e de bem. [...] Agindo deste modo adquire a sua fisionomia de homem» (*Educar é um risco*, Lisboa Diel 2006, 17-18).

“Reconquistar a própria herança” é um empenho a que a Mãe Igreja chama todas as gerações; e o Santo Padre convida-nos a não nos deixarmos assustar pelas dificuldades e sofrimentos, que fazem parte do caminho. Não nos é concedido olhar para a realidade da varanda, nem podemos ficar comodamente sentados no sofá a ver o mundo que passa diante de nós na televisão. Só reconquistando a verdade, a beleza e o bem que os nossos pais nos transmitiram é que poderemos viver como uma oportunidade a mudança de época em que estamos imersos, como ocasião para comunicar de forma convincente aos homens a alegria do Evangelho.

Por isso o Papa Francisco convida os organizadores e os voluntários do *Meeting* a aguçar a vista para decifrar nos muitos sinais – mais ou menos explícitos – a necessidade de Deus como sentido último da existência, para poderem oferecer às pessoas uma resposta viva às grandes questões do coração humano. Que também este ano os visitantes possam ver em vós testemunhas credíveis da esperança que não desilude. Falem-lhes com os encontros, as exposições, os espectáculos e, acima de tudo, com a vossa própria vida.

Ao mesmo tempo que recomenda que rezem pelo Seu ministério, Sua Santidade envia-lhe, de todo o coração, Excelência, e a todos os participantes do *Meeting*, a desejada Bênção Apostólica.

Uno os meus votos pessoais e, na expectativa de intervir durante o dia de encerramento do *Meeting*, subscrevo-me com o maior obséquio.

de Vossa Excelência Reverendíssima
dev.mo no Senhor
Cardeal Pietro Parolin
Secretário de Estado

A Sua Excelência Reverendíssima
Mons. Francesco LAMBIASI
Bispo de Rimini
Via IV Novembre, 33
47921 RIMINI